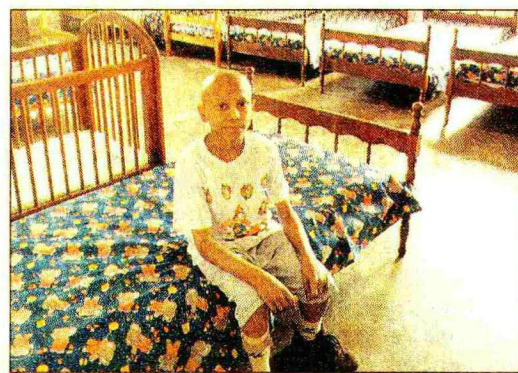


DF - creche

S.O.S.



Gilmar: efeitos colaterais e vitória no videogame

CASA DO MENINO JESUS, QUE CUIDA DE CRIANÇAS COM CÂNCER, PEDE SOCORRO

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Um pedido de socorro. Um grito pela vida. A Casa do Menino Jesus, no Gama, não quer fechar as portas. E a causa é nobre. É muito mais que a batalha por um prato de comida. É a luta para que crianças e adolescentes continuem vivos.

Criada há oito anos, a instituição — obra das filhas do amor de Jesus Cristo — vive exclusivamente de doações. Da caridade alheia. Caridade essa que permite que meninos e meninas carentes e com câncer sobrevivam. É uma luta diária.

Os meninos vêm de longe. Muito longe — Bahia, Maranhão. Piauí, Ceará. E ficam ali, em companhia das mães, até que o tratamento termine. Às vezes pode durar longos e sofridos meses. Em oito anos de existência já passaram pela casa mais de 97 crianças. Atualmente, existem dez.

Cada uma com uma triste história para contar. Histórias de sofrimento, decadência física e esperança. Esperança, aliás, é o que tem movido a menina Raquel dos Santos Silva, de 15 anos. Há um ano ela veio de São Luís, no Maranhão, para o início de um tratamento no Hospital Sarah Kubitschek. Deixava amigos e a escola. Não sabia o que poderia encontrar aqui.

Tinha um tumor na perna esquerda. Tirou o tumor e amputou a perna. Anda com prótese de metal e borracha. Começou o tratamento de quimioterapia. O cabelo caiu. Agora um outro tumor maligno aparece no pulmão.

Raquel vive com persistência. Para esconder a careca, passou a usar peruca. As recaídas das sessões de quimioterapia — feitas a cada três sema-

nas — são a pior parte do tratamento. Sente náuseas, enjoos e vômitos. Fica fraca. As plaquetas (componente do sangue responsável pela coagulação sanguínea) e os leucócitos (glóbulos brancos) caem. Raquel fica suscetível a infecção e acaba sempre voltando às pressas ao hospital.

“Eu acredito em milagre. E vou me curar”, diz Raquel. “Houve dias em que pensei em desistir do tratamento, dias em que vinha a dor e o desespero. Dias de choro. Mas rezava e, misteriosamente, aparecia uma força em mim. Acho que é Deus”, continua. E a confissão com a voz pausada: “Aprendi, mesmo do jeito que tô, a ser feliz a cada dia”.

Na hora em que o fotógrafo do Correio foi fotografá-la, Raquel pediu para que ele esperasse um momento. “Posso tirar a peruca?”, perguntou ela, para surpresa geral. E justificou: “Eu sou assim. Essa é a Raquel verdadeira. É assim que me vejo no espelho”. Não podia existir foto mais verdadeira. Na carteira de identidade, antes da doença, uma Raquel com longos e negros cabelos.

Numa reflexão dolorosa e adulta, a adolescente que luta desesperadamente pela vida desabafa: “Nós, cancerosos, tomamos drogas pesadas (refere-se à quimioterapia) para continuar vivendo. As pessoas sem doença se drogam para morrer e se destruir”. A Casa do Menino Jesus tenta, só com doações, terminar a construção da creche-escola. Além das crianças com câncer — que poderão ter aulas normais —, a creche atenderá também a meninos e meninas carentes da periferia do Gama. Mais: pretende dar curso profissionalizantes de serigrafia, bordado, corte e costura.

“Ainda falta muita coisa, mas vamos conseguir. Faremos bazares, bingos, shows com bandas cristãs. Só contamos mesmo com a comunidade”, explica a irmã Aurimar de Andrade, de 50 anos, uma das coordenadoras da Casa do Menino Jesus. E de ajuda em ajuda, a creche está sendo erguida. Mas faltam tintas, camas, colchões, móveis. Nenhuma ajuda será renegada. Nenhuma.

Fotos: Adatao Cruz



Raquel Santos fez questão de tirar a peruca para a foto: “É assim que me vejo todos os dias no espelho”

Lugar de luta pela vida

Gilmar Lima de Souza, de 12 anos, joga videogame numa sala da Casa Menino de Jesus. Há um ano, ele deixou a distante Poção de Pedras, no interior do Maranhão, em busca de tratamento. Tinha um tumor na bacia. Começava um longo tratamento.

Até agora, está sem previsão de alta. Também em função da quimioterapia, o cabelo dele caiu todo. Assim como Raquel, padece dos mesmos efeitos colaterais.

Mas ele ainda sorri. Um sorriso nitidamente triste. De quem tem medo. “Se eu sou feliz? A gente tem que ser, né?”, responde. Naquele momento, o jogo de videogame é mais importante. Junto com ele, mais dois meninos com câncer disputam uma animada partida. Gilmar ganha. Pelo menos essa batalha de mentirinha. Naquele momento, a vida tem que ser mais divertida.

Colega de Gilmar e Raquel no abrigo, Rogério de Moraes, de 7 anos, luta há cinco com o câncer na perna. Fez cirurgia e hoje usa prótese. Quando está melhor volta para casa em Anápolis (GO). A cada seis meses, retorna ao hospital para trocar a prótese e fazer novos exames.

A mãe dele, Aldeci Batista, de 34 anos, reza. Acompanha-o sempre. “Ele vai conseguir. É só no que penso”, torce. Irmã Aurimar, a mulher abnegada que cuida daquelas crianças, ouve Aldeci falar. “Apesar de algumas perdas que tivemos, apesar de toda batalha, aqui nós lutamos pela vida”, diz a irmã, com os olhos umedecidos. Raquel, Gilmar e Rogério há anos entraram nessa luta. A única que verdadeiramente importa. A única que conhecem.

Eles querem vencer. (MA)

SERVIÇO

Qualquer ajuda para a Casa do Menino Jesus será bem-vinda. Contato: 384-1517 Endereço: entrequadra 14/18, área especial, Setor Oeste do Gama.